

TELEVISÃO DE QUALIDADE: UMA QUESTÃO DE SINTONIA

Glauce Cortêz Pinheiro*
Pollyanna Pinho**



MACHADO, Arlindo. *A Televisão levada a sério*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000.

A Televisão levada a sério é um livro marcado pela visão inovadora de Arlindo Machado que, diferentemente de outros críticos de televisão, enfoca tal meio sob a ótica de sua expressividade, pois, através da televisão, “uma civilização pode exprimir a seus contemporâneos os seus próprios anseios e dúvidas, as suas crenças e descrenças, as suas inquietações, as suas descobertas, e os vãos de sua imaginação” (p. 11).

Assim, o que motivou o autor a escrever esta obra foi a inquietação adquirida, durante o exercício da docência, no curso de Rádio e Televisão na Universidade de São Paulo, quando percebeu a falta de publicações sobre a televisão que pudessem indicar um repertório fundamental de trabalhos realizados nesse meio, dife-

rente da área de Cinema, que possuía um vasto repertório. Desta maneira, não se podiam cultivar valores éticos e estéticos, pois não havia referências positivas ou negativas que servissem como base de seus estudos.

A Televisão levada a sério tem, portanto, como objetivo, demonstrar a qualidade de certos trabalhos audiovisuais produzidos e exibidos para televisão, a fim de propor uma mudança do enfoque que vem sendo dada nas pesquisas realizadas até então sobre o tema, proporcionando parâmetros para essa discussão. Essas pesquisas, segundo o autor, abordam a televisão sob um olhar macroscópico, ou seja, analisam sua estrutura e os condicionamentos que recebem os modelos econômicos e institucionais vigentes.

No entanto, o problema, segundo Machado, está na carência de análises sobre os programas propriamente ditos. Quando estas análises existem, elas se restringem a banalidades óbvias da TV, dando a impressão de que esta só possui o trivial. Além disso, estas apreciações estão marcadas por um olhar que busca o “ruim” para denunciá-lo, não procurando o que há de qualidade na televisão. Tem-se, deste modo, uma visão reducionista do que vem sendo produzido durante os cinquenta anos de televisão.

Tal questão é agravada pela falta de memória televisiva da população. Só são observados no passado da televisão os episódios inúteis, pois, além de sem memória, durante os seus cinquenta anos, foi disseminada a idéia de que esse aparelho audiovisual era essencialmente nocivo.

Machado é pioneiro ao afirmar que os espectadores são os responsáveis por decidir o “destino” da televisão, pois é de sua responsabilidade a sintonização da mesma. É o telespectador quem

*Graduada em Pedagogia pela UERJ. Professora da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro.

**Graduada em Pedagogia pela UERJ.

elege o que merece a sua atenção e o seu esforço de interpretação. Tem-se o poder de modificação. E, desta maneira, a qualidade do que se assiste está subordinada àquilo que é selecionado.

Qualidade, aliás, é assunto que gera bastante divergência. É difícil definir o que seria uma televisão de qualidade, devido às diferentes posições a respeito do seu real significado. É mais fácil entender essa afirmação quando se toma por base uma comparação feita por Machado sobre qualidade e liberdade; ele diz que ambas são difíceis de explicar e quase impossíveis de conceituar, mas de entendimento acessível, principalmente, quando nos faltam. Talvez por isso haja uma crítica tão grande em relação à televisão, visto que quando acontece de ser exibido um bom programa, poucas pessoas valorizam, enquanto que a maioria, devido ao que já foi pré-estabelecido como sendo essencialmente ruim, apenas ignora, não melhorando a imagem da televisão.

Como consequência, na visão do autor, a melhor forma de avaliar a TV seria analisando trabalhos de qualidade pensados exclusivamente para a exibição em televisão. Trabalhos que considerem questões próprias do meio, da sua linguagem, da sua tecnologia, da sua economia e de suas condições de recepção. Dever-se-ia seguir a direção oposta a de autores de publicações com críticas negativas à televisão, para olhá-la sob nova perspectiva: os bons programas produzidos.

É interessante notar também que Machado certifica-se de que a televisão de qualidade é privilégio de poucos, e esses não são exclusivamente da elite. Então, a partir da concepção de que a TV trabalha com escalas de audiência, e a mais baixa escala atinge centenas de espectadores - diferente, por exemplo, dos best-sellers literários, que não conseguem atingir toda audiência da televisão (mesmo esta estando baixa) - tornando-os elitistas.

Seguindo esse modo de análise, o autor, ao longo do livro, aborda questões de caráter descritivo de certos gêneros televisivos, e refuta todas as críticas que vêm sendo feitas, inclusive por Bourdieu, a esse meio de comunicação tão popular. Nega, em um de seus capítulos, que a TV feita ao vivo (alvo de tantas críticas) seja realmente inibidora de reflexões por parte de quem a assiste, e através de vários exemplos e argumentos expõe seus pontos de vista sobre essa forma de fazer televisão.

Aborda, ainda, o telejornal, sem considerar apenas o seu conteúdo, como é de costume, mas, sim, o seu funcionamento. Além disso, Machado visa mostrar, através de exemplos televisivos, as diferentes leituras feitas a partir do mesmo telejornal. Aponta, com isso, a sua convicção quanto à neutralidade, à objetividade e à imparcialidade deste gênero televisivo.

Este trabalho reúne vários aspectos da televisão e busca modificar a visão do senso comum que se tem sobre a mesma, através de uma nova sintonia onde se dê preferência aos programas de boa qualidade. A maior audiência desse tipo de programa deve se dar como consequência do desenvolvimento do senso crítico dos telespectadores, independente de sua classe social, pois, como defende o autor, na TV “o conceito de elitismo fica completamente deslocado. Mesmo o produto mais difícil, mais sofisticado e seletivo encontra sempre na televisão um público de massa” (p. 30).

Machado almeja, enfim, desmistificar a televisão como portadora apenas de banalidades, afirmando que nela existe “vida inteligente” e indicando verdadeiras “obras de arte” produzidas e veiculadas nesse meio, como videoclipes, propagandas, programas ao vivo, apresentações musicais (obras clássicas ou contemporâneas, em que a imagem tem grande influência), grafismos televisuais (como as aberturas dos programas da Rede Globo, consideradas como uma das mais avançadas galerias de arte), dentre outros, que merecem destaque único. Deste modo, esta idéia, segundo ele, começa a ser compartilhada por um número maior de teóricos de diferentes áreas. O livro *A Televisão levada a sério*, é, portanto, uma obra atraente por abordar um tema relativamente antigo sob um olhar inovador. Ótima leitura para os estudiosos da mídia ou simples interessados no assunto.